

# Écosocialisme: l'alternative radicale à la catastrophe écologique capitaliste

MICHAEL LÖWY

Paris: *Mille et une nuits*, 2011, 240p.

FABIO MASCARO QUERIDO\*

A emergência da crise ecológica, a partir de meados da década de 1960, fez ressoar com nova dramaticidade um verdadeiro “alarme de incêndio” para a humanidade. Do crescimento exponencial da poluição do ar e da água potável, à destruição das florestas tropicais e da biodiversidade, dentre muitas outras catástrofes potenciais, os efeitos da crise ecológica demonstram com nitidez o caráter destrutivo do modelo civilizatório capitalista-moderno. Desde então, a questão ecológica transformou-se num tema fundamental para os movimentos de vocação anticapitalista, demandando uma atualização dos critérios de pensamento e de ação necessários à revitalização de um projeto político-social emancipatório.

É neste contexto que, há mais de três décadas, surgiram os debates em torno do ecossocialismo. Em tempos mais recentes, Michael Löwy – corresponsável pela redação do primeiro manifesto ecossocialista internacional, ao lado do norte-americano Joel Kovel, em 2001 – vêm se destacando como um dos mais proeminentes teóricos do ecossocialismo. Parte considerável de suas intervenções neste âmbito encontram-se em *Écosocialisme: l'alternative radicale à la catastrophe écologique capitaliste*, coletânea de artigos recém-lançada na França.

Dividido em quatro partes, e acrescido de um importante anexo com os principais manifestos e declarações do “movimento”, o livro abarca diversas temá-

---

\* Doutorando em Sociologia, IFCH / Unicamp.

ticas vinculadas ao debate ecossocialista: desde a noção de progresso em Marx e Engels, passando pela defesa do planejamento democrático (como antídoto ao predomínio do automatismo reificado-mercantil), pela discussão sobre “aspectos essenciais da teoria e da prática ecossocialistas”, pelo debate sobre o papel da agressão publicitária e sobre o ecossocialismo no Brasil e nos Estados Unidos, até um excelente ensaio acerca da “atualidade político-ecológica de Walter Benjamin”. Em comum, os textos revelam uma tentativa de repensar a crítica do capitalismo à luz das implicações sociais e políticas do presente, desvendando não somente o horizonte utópico projetado para o futuro, mas também as lutas parciais aqui e agora pela minimização dos efeitos perversos da destruição do meio ambiente.

Exatamente por se tratar de uma compilação de ensaios, muito antes de codificar uma nova doutrina ou ortodoxia, o objetivo do livro é, como diz Löwy, “explorar certos aspectos [...] e certas experiências do ecossocialismo” (Löwy, 2011, p. 18), respeitando, sem deixar de manifestar sua própria opinião, a diversidade e a pluralidade dos autores próximos à perspectiva ecológica anticapitalista. Dentre os inúmeros intelectuais mais ou menos identificados com a renovação ecológica da perspectiva socialista, tais como André Gorz (em seus primeiros escritos), James O’Connor, Joel Kovel, John Bellamy Foster, Juan Martínez Alier, Jean-Marie Harribey, Elmar Altvater, Frieder Otto Wolf, sem falar no próprio Löwy, para citar apenas alguns, não é difícil visualizar diferenças importantes não só quanto aos fundamentos da crítica ao modelo civilizatório capitalista, senão também no que se refere à determinação dos sujeitos sociais e políticos capazes de impulsionar a negação prática deste sistema.

Não por acaso, longe de ser um movimento organizado, com uma plataforma política homogênea, o ecossocialismo é, antes de tudo, uma corrente de pensamento e de ação composta por variadas contribuições teóricas e políticas. Todavia, a despeito das inegáveis diferenças entre si, os ecossocialistas convergem numa constatação essencial, que está na base de suas críticas: a salvaguarda do equilíbrio ecológico do planeta é incompatível com a lógica expansiva e destrutiva do sistema capitalista. Para os ecossocialistas, como afirma Löwy, é a civilização capitalista, e não a técnica ou o crescimento populacional em si, a raiz fundamental do atual desequilíbrio ecológico e social, razão pela qual uma ecologia crítica e radical não pode prescindir da crítica dos mecanismos da produção e acumulação do capital. Por isso mesmo, ao mesmo tempo em que tomam distância do “socialismo” burocrático e igualmente destrutivo que vigorou na ex-URSS e no leste europeu, os ecossocialistas seguem apostando, conforme diz Löwy, que os trabalhadores e as classes subalternas ainda são uma força essencial para o enfrentamento ao caráter destrutivo do capitalismo moderno.

Ora, é justamente esta capacidade de estabelecer um fundamento comum, a partir do qual se torna possível lograr as bases para a constituição de uma perspectiva ecossocialista, que garante a importância das reflexões de Löwy sobre o assunto. Por certo, tal generosidade teórica – que é característica da obra e da trajetória

do autor – encontra-se sob o risco permanente das generalizações simplistas e do excesso de indulgência; mas ela se demonstra frutífera e, sobretudo, necessária, num cenário relativamente profícuo à composição de afinidades que até então permaneceram obliteradas pela pressão dogmática das ortodoxias instituídas.

Na realidade, é por conseguir mobilizar diferentes análises e projeções teórico-políticas, sem deixar de reiterar a tenacidade de sua opção socialista revolucionária, que Michael Löwy se constituiu, na última década, num interlocutor fundamental no espectro dos debates contemporâneos sobre a temática; assim, ele vem contribuindo, de maneira inestimável, para a tentativa de articulação – tal como vêm se esboçando no movimento “altermundialista” – entre as lutas sociais e os enfrentamentos ecológicos contra o verdadeiro responsável pela crise: o capitalismo. Como se viu nos inúmeros fracassos das negociações institucionais para a diminuição dos efeitos da crise ecológica, os representantes da ordem estabelecida não podem interromper a locomotiva do progresso catastrófico porque, entre outras coisas, são um produto desta grande narrativa apologeta das tendências hegemônicas do desenvolvimento da civilização capitalista-moderna.

Somente uma perspectiva radical – articulada à práxis das classes subalternas – é capaz de perceber o abismo que se abre à nossa frente, conjugando a necessidade de interrupção revolucionária da história do progresso dos vencedores. Numa palavra: somente uma perspectiva ecossocialista pode, ainda hoje, “escovar a história a contrapelo”, resgatando as lutas do passado a fim de potencializar as lutas do presente contra o avanço da mercantilização da natureza e da vida social. O ecossocialismo é, na atualidade, segundo sugere Löwy no ensaio sobre Walter Benjamin (sem dúvida o mais empolgante e original do livro), o herdeiro de todos aqueles que deram substância concreta à alegoria benjaminiana da revolução como “freio de emergência” de uma história que estaria nos levando à catástrofe. Se já em sua origem a reivindicação benjaminiana tocava numa questão decisiva da teoria revolucionária, hoje ela assume – diante das ruínas do progresso capitalista-moderno – uma atualidade ainda mais evidente, tamanho o impacto destrutivo da crise ecológica e civilizatória contemporânea. Não por acaso, de agora em diante, segundo nos alerta Löwy, a utopia será ecossocialista ou não será!

QUERIDO, Fabio Mascaro. Resenha de: LÖWY, Michael. Écosocialisme: l'alternative radicale à la catastrophe écologique capitaliste. Paris: Mille et une nuits, 2011, 240p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.34, 2012, p.199-201.

***Palavras-chave:*** Ecosocialismo; Ecologia; Capitalismo; Socialismo.